

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

Tolerance of Racial and Class Performances amongst Queer Men in the Zona Sul of Rio de Janeiro

Anthony Furlong

Institute of Geography, School of Geosciences,
University of Edinburgh
a.b.furlong@sms.ed.ac.uk

Resumo

O objetivo deste artigo é evidenciar alguns modos em que raça, classe e espaço cruzam-se com a sexualidade e a importância destes cruzamentos para a construção dos lugares tolerantes e intolerantes. Eu afirmo que, embora a Zona Sul do Rio de Janeiro seja imaginada como um espaço extremamente tolerante para os homens *queers* no Brasil contemporâneo, as realidades vividas dos participantes desta pesquisa mostram uma realidade mais complexa e menos otimista. Argumento que o processo de pertença na Zona Sul está ligado à classe e raça e que comportamentos não associados com aqueles que possuem um alto poder aquisitivo, brancos e masculinos, são vistos como indesejáveis e fora do padrão local. Isto é destacado pelo modo desfavorável que as pessoas, participantes da pesquisa, entendem os comportamentos ligados à 'bicha pintosa'. Quatro tipos de práticas são identificadas como comportamentos que reforçam a ideia de que a Zona Sul é espaço de brancos de classe média alta e masculinos como: pessoas encarando com um olhar de desdém, agressões verbais ou xingamentos, práticas de consumo e agressão física, provocada por pessoas conhecidas como 'pitbulls'. Assim, visando os preconceitos ligados à classe e raça no espaço da Zona Sul é evidente que a imagem da região denominada como espaço tolerante e utópico pelos homens *queer* deve ser reconsiderada.

Palavras-chave: Tolerância; Raça; Classe; *Queer*; Rio de Janeiro.

Abstract

The aim of this article is to highlight some ways in which race, class and space intersect with sexuality and the importance of these interactions for the construction of tolerant and intolerant spaces. I argue that whilst the Zona Sul of Rio de Janeiro is imagined as an extremely tolerant space for queer men in contemporary Brazil, the lived realities of participants demonstrate a more complex and less optimistic understanding. It is argued that the process of belonging in the Zona Sul is linked to class and race, and that behaviours not associated with those who have a high disposable income, or are white and masculine, are seen as undesirable and outside norms of this region. This is highlighted through the unfavourable way in which participants understand behaviours linked to the 'bicha pintosa'. Four types of behaviour: disdainful looks and utterances, name-calling, consumption practices and physical homophobia by those called 'pitbulls' are identified as practices that reinforce the idea that the Zona Sul represents a white, middle-class, masculine space. As a result of racial and class prejudices across the Zona Sul it is evident that imaginings of the region as a tolerant and utopic space for queer men ought to be reconsidered.

Keywords: Tolerance; Race; Class; *Queer*; Rio de Janeiro.



Introdução

Na cultura brasileira contemporânea popular, a imagem dos bairros que compõem a Zona Sul como: Ipanema, Copacabana e Leblon, é de lugares liberais e tolerantes para com os homens *queers*, particularmente quando comparados com outros bairros da cidade. As eternamente populares telenovelas brasileiras, baseadas no Rio de Janeiro, evocam uma imagem positiva, mostrando a Zona Sul como mais liberal, acolhedora e tolerante do que outras partes da cidade, especificamente, com respeito à sexualidade. Por exemplo, quando o assunto da homossexualidade é abordado nas telenovelas, geralmente, é ligado com boates e bares gays tolerantes e requintados, praias *gay-friendly* e famílias liberais de classe média alta da Zona Sul (Viver a Vida, Rede Globo, 2010; Malhação, Rede Globo, 2010).

Os guias de viagens gays também entendem a Zona Sul como uma região extremamente tolerante da cidade. Produzido no Brasil, o *'Rio Gay Guide'* está focado, quase que exclusivamente, em áreas da Zona Sul, tais como: o Arpoador, Copacabana e Ipanema. Esta região da cidade é descrita como repleta de uma mistura de lésbicas, gays, celebridades e outros 'cariocas cosmopolitas' que são amistosos com gays, lésbicas e transgêneros, deixando você a vontade, em quase todos lugares' (*Welcome to Gay and Lesbian Rio!*, Rio Gay Guide, 2010). Geralmente, a Zona Sul é concebida como um lugar seguro, aberto e tolerante para os *queers* no discurso popular brasileiro. Isto foi refletido nos comentários dos entrevistados que sugerem que a Zona Sul é um espaço importante pela performance das identidades homossexuais. Quando eles foram perguntados sobre quais são as áreas da cidade que são mais significativas em respeito à sua sexualidade, setenta e oito, dos oitenta participantes, identificaram a Zona Sul. Apenas dois participantes se referiram a outras áreas da cidade.

Entender a Zona Sul do Rio de Janeiro como uma área mais tolerante e permissiva da cidade e outros locais como restritivos e intolerantes para performances sexuais dissidentes não é um fenômeno novo. James Green (1999) afirma que, já nos anos 60, a Zona Sul obteve essa reputação. Os bairros de Copacabana e depois, Ipanema e Leblon, foram glorificados como muito mais liberais do que as outras regiões da cidade nos jornais e revistas, como *Pasquim*. 'Promoveram o estilo de vida pacata da Zona Sul' (GREEN, 1999, p. 264) ligado à tolerância aos grupos contraculturais, especificamente aqueles que criticaram o regime militar, prostituto(a)s e a comunidade *queer* carioca. Devido à comunicação oral e publicações legais e ilegais, a Zona Sul auferiu a

reputação da região mais liberal para os homens *queers*. Com efeito, homens do Rio de Janeiro e de outros locais, foram atraídos para a Zona Sul, cujas praias, cinemas, restaurantes e "lugares de pegação" pareciam oferecer 'um mundo de oportunidades' para aqueles que moravam em outros bairros da cidade, considerados como menos tolerantes a abertos (GREEN, 1999).

Além de ser imaginada como mais tolerante, a Zona Sul é considerada mais graciosa e chique que a Zona Norte e a Zona Oeste. É o lugar para encontrar celebridades, gringos abastados e brasileiros ricos, conforme divulgado no *Rio Gay Guide* (2010). Tais asserções não são tão exageradas, pois as estatísticas mostram que aqueles que moram na Zona Sul ganham consideravelmente mais do que os moradores da Zona Norte e Zona Oeste e, além disso, têm melhor acesso aos serviços da saúde e educação, conforme afirma *Câmera Rio* (2010). O autor afirma, ainda, que dez dos onze bairros de maior renda na cidade estão localizados na Zona Sul e todos os bairros de baixa renda estão localizados na Zona Norte e Oeste. "Estudos mostram que a desigualdade entre os mais ricos e mais pobres tem continuado a crescer nos últimos anos" (GOLDSTEIN, 2003, p. 70). Todavia, há exceções dessa divisão aparente entre o sul rico e norte e oeste pobre da cidade, pois, a maior favela da América do Sul, a Rocinha, constitui uma imensa área carente na Zona Sul da cidade (CÂMERA RIO, 2010).

O Rio de Janeiro apresenta imensa diversidade racial e a segregação de raça é bastante visível. O mito de que o Brasil exemplifica uma democracia racial que acolhe mestiçagem é exposto, contundentemente, na composição racial dos bairros da cidade carioca que se mescla com as características econômicas. Com efeito, aproximadamente 70% daqueles que moram nas favelas se identificam como negro(a) e apenas aproximadamente 30% de pessoas que assim se identificam moram em bairros mais ricos do Rio (OLIVEIRA, 1999, citado por VARGAS, 2005). A maioria dos moradores da Zona Sul do Rio se identifica como branca e a maioria moradora da Zona Norte e Zona Oeste, mais pobre, se identifica como morena ou negra. As diferenças raciais entre os bairros da cidade são tão acentuadas que são descritas como '*apartheid* brasileiro' por Vargas (2005).

Este artigo enfoca as ligações entre raça, classe e a tolerância das identidades de gênero e sexualidade, tendo como referência os participantes da pesquisa. Eu destaco a importância de não presumir a tolerância das performances de sexualidade no espaço da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Argumento que as categorias de raça e classe atravessam as performances *queers* dos participantes na Zona Sul e a interseccionalidade, resultante desse processo,

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

constitui uma demanda de entendimento mais complexa da tolerância na região que ultrapassa as representações desta, presentes nas músicas populares, livros e telenovelas brasileiras.

Especificamente, comentários dos participantes da pesquisa sugerem que a ideia da Zona Sul do Rio como um espaço tolerante às performances identitárias *queers* constroem paradoxos entre verdades e mentiras sobre a área no que diz respeito às suas experiências. Assim, a Zona Sul é simultaneamente permissiva e restritiva às performances não dominantes do gênero e da sexualidade. A (in)tolerância das identidades *queers* na Zona Sul se intersectam com as identidades de raça e classe e contribui para manter esta área da cidade como o ambiente do gay classe média alta, branco, masculino, em contraposição ao gay classe baixa, não branco e efeminado.

Metodologias da Pesquisa

O principal objetivo desta pesquisa é compreender as performances de gênero e sexualidade nos diferentes locais no Rio de Janeiro, notadamente aqueles da Zona Sul. Por performance, estou me referindo ao termo usado por Judith Butler (1990, 1993, 2001). Butler afirma que nossas identidades de gênero e sexualidade não são fixas, mas são constantemente transformadas, produzindo o devir. Assim, não há categorias fixas de mulher, homem, gay, bissexual e assim por diante, mas seres em permanente construção/desconstrução. As identidades de gênero e sexualidade fazem-se, para Butler (1990), por atos, palavras, gestos e desejos e, portanto, são elementos em conjunto que constituem as performances de gênero e sexualidade.

O fator fundamental da abordagem metodológica foi garantir a captura de práticas de gênero e sexualidade. Com esse procedimento, é possível entender gênero e sexualidade revelando-se nos jeitos específicos e em diferentes locais da cidade, bem como, o relacionamento que isto tem com a tolerância dos comportamentos dos homens *queers*. No entanto, minha pesquisa não foi meramente enfocada nas performances de gênero e sexualidade dos homens *queers*, mas foi ampliada para a abordagem de como estas performances são toleradas ou não, permitidas ou negadas em diferentes locais da cidade.

Considerarei uma metodologia qualitativa multifacetada com base etnográfica, observação participante e entrevistas com elicitación fotográfica, a abordagem mais útil para capturar os comportamentos específicos dos homens *queers*, que constroem nossos espaços de gênero e sexualidade, e para entender as ligações entre práticas de identidade e tolerância. A metodologia etnográfica com observação participante

na Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) e na Organização Arco-Íris facilitou a participação ativa na vida de um grupo dos homens *gays* do Rio de Janeiro e permitiu observação em primeira mão dos comportamentos de gênero e sexualidade dos homens *queers*. Além disso, pude construir uma percepção da forma com que homens *queers* negociam o processo de tolerância. As entrevistas semiestruturadas com oitenta e três homens no Rio de Janeiro, entre novembro 2008 e março 2010, com duração entre trinta minutos e duas horas cada. Tais entrevistas foram baseadas nas práticas de gênero e sexualidade nos diferentes locais da cidade e ainda, como parte integrante, foi utilizado o método de elicitación fotográfica, em que as pessoas escolhiam fotografias cujas imagens eram consideradas mais importantes e a partir delas desenvolviam seus discursos (BANKS, 2001; HAY 2002).

A Zona Sul como Espaço Tolerante

É difícil generalizar as experiências de tolerância vividas pelos homens entrevistados no Rio de Janeiro. Entretanto, a maioria deles considera a Zona Sul do Rio como área mais tolerante às práticas não heterossexuais. Quando foram questionados sobre as áreas da cidade que consideravam mais tolerantes às performances *queer*, cinquenta e dois, dos oitenta e três participantes, citaram bairros específicos, sendo que trinta e um deles estão localizados na Zona Sul. Embora, quatorze dos participantes não citem diferenças na tolerância entre as zonas do Rio, nenhum deles identificou locais tolerantes na Zona Norte ou Zona Oeste da cidade.

A grande maioria dos participantes representam a Zona Sul como espaço seguro, *'gay friendly'* e, geralmente, tolerante às performances homossexuais e não normativas. A Zona Norte e Oeste foram entendidas como espaços restritos e intolerantes para os homens *queers*. Clayton reiterou este ponto da vista, dizendo que a Zona Sul "é um lugar onde mais coisas são possíveis". Isto foi igualmente reiterado por Flávio que comentou: "Eu acho que a Zona Sul é mais liberal do que qualquer outro lugar... tem uma cabeça melhor... as pessoas não se importam com isso [sexualidade]".

A paisagem física da cidade desempenha um papel central nas imaginações geográficas dos lugares tolerantes e intolerantes. Reinaldo afirma que o túnel que liga os bairros da Zona Norte e Zona Sul representa a separação entre as áreas onde homossexuais sentem-se confortáveis e áreas onde se sentem limitados e restritos:

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

É como se como quando atravessamos o túnel Rebouças que dividem as zonas, os gays se sentem mais livres. Porque lá tem referências gays, como posto 8, a parte gay da praia de Ipanema, os bares gays, uma rua gay, as boates gays ... Não que na Zona Norte não tenha, mas as boates da Zona Sul são mais conhecidas, respeitadas ... Mas sempre tem essa coisa do “depois do túnel”.

Nos comentários que identificaram a Zona Sul como tolerante, os termos mais usados eram “vontade”, utilizada por trinta e um participantes e “confortável”, por trinta e quatro participantes. Tais manifestações representam a Zona Sul como um lugar onde homens *queers* têm liberdade para mostrar sua sexualidade abertamente. Outras evocações comuns da Zona Sul são “espaço tolerante”, “mais liberal” e “menos preconceituoso” do que outras partes da cidade. Vários participantes descreveram Ipanema, Leblon e Copacabana como “bairros diversos” por causa da diversidade das pessoas ali presentes. A diversidade ampliada nos bairros que constituem a Zona Sul, em comparação com outros lugares da cidade, era frequentemente ligada com uma disposição de mostrar a intimidade homossexual. Por exemplo, Teodoro comentou que ao contrário das outras partes da cidade, ele se sente “bem”, mostrando intimidade homossexual na Zona Sul, que ele descreve como uma área “totalmente diversa” da cidade. Ele continuou a dizer:

Eu posso beijar alguém aqui em Ipanema e até me sinto bem porque eu não estou fazendo nada de errado. Mas o problema é que tem pessoas em volta de você que ficam olhando de cara feia, fazem piadinhas. Então, acho que na rua são pouquíssimos lugares, e zona sul para mim são os lugares onde se pode ter esses poucos momentos.

Os participantes destacaram três qualidades específicas que constroem a Zona Sul como a parte mais tolerante da cidade para os homens não heterossexuais. Em primeiro lugar, foi argumentado que pessoas que moram na área são mais instruídas do que moradores de outros bairros. Frequentemente, foi especificado que os residentes da Zona Sul são mais liberais por possuírem ensino superior, em comparação com a maioria das pessoas das outras partes da cidade que possui escolaridade média. Em segundo lugar, pessoas na Zona Sul foram representadas como possuidoras de maiores rendimentos, o que aumenta a

possibilidade de gastos com lazer e desfrute de bares e boates, permitindo uma maior socialização entre pessoas de diferentes orientações sexuais e de gênero. Além disso, a disponibilidade econômica permite viagens para os outros países, onde homossexualidade é mais visível, tornando performances dissidentes e familiares. Em terceiro lugar, estes dois fatores conjugados, trazem a representação da Zona Sul como tendo moradores de “mente aberta” e “cabeça melhor” no tocante à homossexualidade.

Por alguns homens entrevistados, porém, a Zona Sul não foi considerada tão tolerante como os guias e discurso popular indicam. Quatorze dos cinquenta e dois entrevistados não identificaram a Zona Sul como mais tolerantes do que a Zona Norte ou Zona Oeste. Por exemplo, Gilberto disse: “eu posso sofrer uma agressão física tanto em Madureira, quanto em Ipanema, então a homofobia existe em todos os lugares”. Por outro lado, outros participantes indicaram que a tolerância na Zona Sul é diferenciada internamente, não podendo ter um padrão homogêneo de tolerância para toda a área. Por exemplo, quando perguntei quais são as partes da cidade que são mais tolerantes para os homens não heterossexuais, Cláudio respondeu:

Não da pra dizer que a zona sul é liberal e o centro do Rio é preconceituoso, ou o centro é super liberal e o subúrbio tem preconceito. Depende dos lugares e dos territórios de cada região do Rio de Janeiro. Você tem lugares ou territórios na zona sul que são altamente gay friendly e livres e outros territórios que não pode nem pensar em passar por aquele local, que você pode até ser assassinado.

Contudo, a maioria das entrevistas trazem representações comuns presentes na televisão, nos livros e na música, retratando a Zona Sul do Rio de Janeiro como um espaço tolerante para os homens *queers*. No entanto, as experiências dos homens nessa parte da cidade, na verdade, destacam limitações da concepção de tolerância difundida no discurso. Como os comentários acima revelam, o que é tolerado na Zona Sul está ligado à raça, classe e gênero. Concepções da Zona Sul, como um espaço inquestionavelmente tolerante, raramente reflete o jeito com que os participantes desempenham as identidades do gênero e sexualidade na cidade, e ignora diferenças relacionado a classe e raça. Raça, classe, gênero e sexualidade interagem no posicionamento de pessoas que são consideradas mais ou menos dignas de fazerem parte da Zona Sul e os comentários dos

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

participantes pintam um quadro da tolerância que é mais complexo do que as representações comuns sugerem.

A Bicha Pintosa e a Barbie

De várias maneiras, os comentários dos participantes evidenciam que as palavras “bicha pintosa” e “barbie” não possuem significados fixos, mas adquirem sentido pelas conexões com noções de raça, classe, gênero e sexualidade. Nesse sentido, podem ser compreendidos como “significantes flutuantes”, já que estas palavras não possuem um significado em si, mas adquirem significância em relações mutáveis, sendo que as diferenças se constituem dependendo das relações estabelecidas com outros conceitos e ideias no campo de significância, como argumenta Hall (1997).

As ligações que trazem diferentes significados aos termos “barbie” e “bicha pintosa” podem ser evidenciados nas falas dos participantes como relacionados com raça, classe, gênero e sexualidade. Frequentemente, o termo “barbie” foi utilizado pelos homens *queers* para expressar comportamentos masculinos exagerados. O termo tem origem na da boneca plástica americana e é usado para referir os homens *queers* que praticam esportes, malham, e tomam esteróides para aumentar a musculatura corporal. O alvo destes comportamentos hiper masculinizados são utilizados para evidenciar que os barbies são “mais homem do que os homens” como sugeriu Gontijo (2009, p 29). Quando eles foram questionados sobre o significado do termo barbie, os participantes se referiram às características similares, quase sempre associadas ao ser “forte”, “classe média-alta” e “masculino”.

O termo “bicha/gay pintosa” ou “bichinha”, ao contrário, está associado aos homens *gays* que se comportam de forma estereotipadamente feminina. São relatadas as formas de andar, falar e as roupas que usam. O termo “pintosa” acrescenta o fato de ser “desmunhecado”. As bichas pintosas são, de várias formas, a antítese do barbie, pois são homens, geralmente magros, que não malham e nem tomam esteróides para obter um físico musculoso idealizado. Quando eles foram perguntados sobre o significado do termo “bicha pintosa”, os participantes se referiram aos termos “classe baixa”, “pobre”, e “afeminado”. Os termos 'barbies' e 'bicha pintosa' carregam fortes pressupostos raciais e de classe. As conotações de classe foram exemplificadas por Fábio, que descreveu 'bicha pintosa' da Zona Norte como “baixo nível”. Este termo, além de significar “bicha pobre”, foi frequentemente disposto para descrever *gays* pobres

que vão para locais da Zona Sul. Além disso, o termo “baixo nível” também carrega conotações de pessoas mal educadas ou “sem cultura”.

O termo “bicha pintosa” não é apenas entendido como referência às pessoas mais pobres do que os moradores da Zona Sul, mas também, de pele mais escura e mais efeminado, por muitos da comunidade *queer* da Zona Sul. Então, a expressão bicha pintosa não é racialmente neutra e é usada, quase exclusivamente, para referir aos *gays* negros ou morenos que se comportam de uma forma “afeminada” ou “escandalosa”. Os comentários dos participantes sugerem que, embora seja possível que as “bichas pintosas” sejam brancas, o pressuposto é que são pessoas negras ou morenas e de famílias pobres da Zona Norte ou Zona Oeste. Enzo, uma pessoa negra, tentou explicar a ligação entre a bicha pintosa efeminada e raça na comunidade *queer* da Zona Sul:

Você [gays da Zona Sul] vê uma pessoa negra um pouco mais feminina, não com jeitos efeminado mais nesse sentido: você está na dúvida se ele é gay ou não, quem vê sempre fala: olha lá tinha que ser negro, isso só podia ser coisa de gente preta. Então existe um preconceito em ser negro associado que as pessoas são gays, ouvir coisas assim é muito, ruim, é muito revoltante.

Os comentários de Enzo sugerem que há uma relação entre raça e feminilidade e que é muito mais provável que homens pobres e negros sejam vistos como efeminados e categorizados como “bichas pintosas” do que outros homens *queers*. Consequentemente, homens *queers* não brancos têm mais possibilidade de sofrer discriminação dentro e fora da comunidade *queer* da Zona Sul. A grande maioria dos participantes que discutem as identidades “barbie” e “bicha pintosa” sugeriram que as características e práticas associadas com a bicha pintosa são vistas mais negativamente do que aquelas associadas como a identidade “barbie” na Zona Sul. Cinquenta e sete, dos sessenta e um entrevistados, que se referiram ao termo 'barbie' e 'bicha pintosa', usaram palavras que sugeriram que os comportamentos ligados à bicha pintosa foram vistos de forma desaprovadora na Zona Sul. São considerados “mal vistos” e desenvolvem comportamentos “inapropriados” e de “falta de respeito”. Christiano declarou que “sendo ‘branco, masculino e rico’ você é entendido como ‘perfeito’ na Zona Sul e se você está dentro desse modelo, todo lugar para você vai ser mais confortável”.

Práticas Corporais e Pertença à Zona Sul

Argumentei anteriormente que as ideias de raça, gênero, sexualidade e classe estão estreitamente ligados aos termos “barbie” e “bicha pintosa”. Estas ligações se expressam nos corpos “feitos” da Zona Sul. A maneira com que os participantes modelam, vestem e maquiam seus corpos, expressa práticas de consumo e constituem uma performance corporal que implica normas de raça e classe entre os usuários da Zona Sul. Tais normas, são utilizadas para identificar homens queers pertencentes à Zona Sul e homens identificados como inaceitáveis ao padrão local.

O Corpo Bonito

Acosta-Alzura (2003) argumentou que no Brasil, como na América Latina em geral, há uma ausência de personagens feios ou fisicamente indesejáveis nas telenovelas. A importância do Rio de Janeiro nas indústrias de filmes, músicas e telenovelas é, em parte, a razão pela associação desta região com os corpos estereotipicamente bonitos. Frequentemente, participantes referiram-se a indústria de entretenimento quando estavam considerando a beleza na Zona Sul do Rio. Embora vários participantes entendam que os cariocas da Zona Sul sejam os mais atraentes fisicamente, outros se referiram às noções da beleza específica na comunidade *queer* da Zona Sul. Por exemplo, André explicou o que quer dizer aparência física e a importância de ser bonito nas boates e bares *gays* da Zona Sul:

Na Zona Sul, tem uma certa cultura comum, porque gente bonita, gosta de ir para lugares onde tem gente bonita. Então é essa concentração e essa diferença que ainda existe. Se você for na zona norte, você vai encontrar boate com pessoas com poderes aquisitivos mais baixos e não tão bonito e que gostam de uns certos tipos de músicas como funk, axé, etc. E você vai ter o extremo que é a ‘The Week’ que toca tribal house, com DJs de fora e dentro do Brasil.

Segundo André, “gente bonita” é frequentadora das boates da Zona Sul e as pessoas que vão para as boates da Zona Norte são consideradas como menos atraentes, associando a beleza ao poder aquisitivo. Outros participantes identificaram tipos de corpos específicos que são entendidos como bonitos na comunidade *queer* da Zona Sul. Frequentemente, as falas sobre beleza

corporal remetem aos homens que possuem corpos brancos, musculosos e fortes, como o estereótipo barbie. Já os corpos negros, fracos e magros foram descritos como feios, pouco atraentes e não compatível como o padrão de beleza da Zona Sul. Isto foi evidente em uma descrição, particularmente depreciativa das “bichas da Zona Norte”, realizada por Fábio: “Essas bichinhas são invejosas por que você tem cabelo mais liso, você rouba os namorados deles (...) mais essas que fazem isso tudo, xingam, dizem palavrões são as bichas mais baixas”.

Numa primeira leitura, as palavras de Fábio podem ser interpretadas como apenas uma referência ao estilo de cabelo. Contudo, as expressões sobre os cabelos, frequentes para diferenciar homens *queers* da Zona Sul e Norte, possui intensa relação com a raça. A referência de beleza é o cabelo liso, lido como originado de uma descendência europeia ou indígena, em oposição à descendência africana, na cultura brasileira. Como Fábio, vários participantes da pesquisa contrastaram os cachos pequenos da “bichinha”, também conhecido por estilo “pico” ao cabelo liso da comunidade *queer* da Zona Sul.

A força muscular foi também um aspecto frequente nas descrições de beleza dos corpos da Zona Sul. Aliás, todos entrevistados que falaram sobre a ideia de beleza na comunidade *queer* da Zona Sul fizeram referência à importância de ser “forte” e “musculoso”. Tais características foram vistas pela maioria dos entrevistados como esteticamente agradável e desejável e foram associados aos homens da Zona Sul. Quando perguntei sobre o perfil do homem considerado atraente na comunidade *queer* da Zona Sul, Diego respondeu: “Eles, eles ... gostam né, de homens fortes, sarados, né, bonitos... O gay, acho que por ter muito esse negócio da pegação ... de ficar, aí tem muito essa cultura do corpo mesmo, né, essa valorização passa a ser uma valorização maior ainda.”

Igualmente, Samuel comentou que os homens da Zona Sul, *gays* que são “um pouco musculosos, bonitos, bem cuidados, bem vestidos” são vistos como mais atraentes. Em geral, participantes referiram-se à Zona Sul como um espaço ligado aos corpos bonitos masculinos, cuja beleza segue os critérios do corpo forte, musculoso e branco, o que Gontijo (2009) considera ser representação dos padrões da beleza masculina desejável ocidentais. Embora alguns dos entrevistados foram críticos a este, como será examinado adiante, nenhum participante fez referência a corpos magros, fracos e não brancos como desejáveis na Zona Sul.

O Corpo da Moda

Uma característica adicional foi a necessidade de mostrar um corpo na moda, frequente nas descrições da comunidade *queer* da Zona Sul. Os participantes falaram que, na comunidade *queer* da Zona Sul, comprar roupas com marcas específicas e de determinados estilos cria uma qualidade adicional e atrativa. Em particular, roupas de marcas famosas americanas e europeias foram citadas como as preferidas e identificadas como de alto padrão, da moda. Vários participantes sugeriam que comprando roupas que não sejam brasileiras, as pessoas demonstram afinidade particular a uma cultura internacional gay. Isso indica, além de ter dinheiro, ser alguém ciente da moda gay, “do primeiro mundo”, para utilizar a expressão de um dos entrevistados. Os comentários dos participantes evidenciam que as roupas são instrumentos importantes para identificar quem pertence à Zona Sul e que homens que não tinham como acompanhar as modas mais recentes na Zona Sul são entendidos como ‘estranhos’ nos bairros chiques da área. Quando solicitei que Flávio explicasse a razão de homens queers, da Zona Sul, serem considerados diferentes, ele respondeu: “Ele veste uma calça da coca cola, ele usa uma calça da *colcci*, ele usa uma sunga que está em alta no Brasil. Acho que no mundo agora ... é difícil você encontrar assim um hétero usando uma cueca da Calvin Klein ...”

A maioria dos entrevistados que descreveram cultura *gay* da Zona Sul referiram-se à pressão para comprar roupas caras e de determinadas marcas. Flávio continuou a comentar que a pressão é tanta que, mesmo as pessoas que não possuem capacidade financeira sentem-se compelidas a comprar produtos da moda. Ele disse: “mesmo os homossexuais pobres hoje em dia, dão R\$10.000,00 num óculos da Armani, pagam em 10 prestações e passam fome, comem arroz, ovo e bebem água, e sua geladeira vazia”. Cláudio argumentou que adquirir roupas de moda é quase como sua obrigação como um homem *gay* da Zona Sul: “O papel de que você ter dinheiro para ir à boite, comprar roupas de grifes famosas e tal, então para eles, isso é o que significa cidadania *gay*”. Igualmente, Evandro afirmou que homens *queers* que frequentam as boites da Zona Sul são bem vestidos e bonitos: “Todos assim bem arrumados ... galeria é isso, é todo mundo bem puritano. As pessoas que dizem que gosta de lá falam que lá as pessoas são bonitas”.

Embora a citação acima sugira a existência das normas ligadas à moda na Zona Sul, vários participantes ampliaram a ideia, argumentando que a capacidade de comprar roupas caras é usada para excluir homens *queers* pobres da Zona Norte e Zona

Oeste . Por exemplo, quando perguntei como são vistos os homens da Zona Norte, Zé respondeu referindo-se às boites Papa G do bairro Madureira, na Zona Norte e Le Boy em Copacabana, na Zona Sul:

Na Papa G só tem bichinhas afetadas, bichas maluquinhas, bichas doidinhas e um pouquinho de gente feia ... Na minha visão as pessoas baixas da Papa G não entram aqui...você deve ter percebido o jeito dos homossexuais da Papa G como eles se vestem, o jeito de falar, como é que eles são diferentes da Le boy. Na frente da Le boy você não vê bichinhas dando pinta com leque aberto. Mais na Papa G, você vai ver uma fila de homossexuais, de chinelo, com leque aberto, dando pinta, horrores e aqui na Le Boy ... Porque a Le Boy ela é padronizada, ela tem um padrão Zona Sul e a papa G são para jovens que são de baixo nível.

Zé identificou vários traços da “bicha pintosa suburbana” que diferenciam essas pessoas dos homens *queers* da Zona Sul. Ele chamou atenção para a falta de estilo, qualidade das roupas, o uso de chinelos em vez de sapatos. Além disso, ele associa o mau gosto em moda ao “baixo nível” e jeito de “dar pinta horrores” e “maluquinha”. O depoimento de Zé sugere que certas práticas, como o uso de roupas caras, elegantes e de certas marcas, identifica os legítimos usuários deste espaço da cidade. Obviamente, as tendências de moda são possíveis apenas para os homens mais ricos. Assim, os homens *queers* pobres possuem diferentes vivências na Zona Sul e alertam para um espaço intolerante, onde enfrentam discriminação de dentro da própria comunidade queer.

Praticamente todos os participantes que tentaram descrever os homens *queers* que frequentam a Zona Sul, fizeram referência ao poder aquisitivo e ao consumo como parte da cultura *queer* desta Zona. Essas características foram relacionadas com a aparência corporal e a moda. Mas, também engloba outras práticas como o gosto requintado para certas comidas e a entrada de certas boites. Clayton comentou que o *gay* da Zona Sul está preocupado com a sofisticação e isso se expressa em práticas de consumo: “O homossexual da Zona Sul é muito ligado a essa parte estética, essa parte hedonista, essa coisa muito ligado a prazer, marcas, vitrines, bons lugares para comer, dançar, etc.”

Em uma outra entrevista, Stéfano afirmou que os homens *queers* da Zona Sul são “muito diferentes” dos homens das outras partes da cidade. Isso porque eles

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

possuem maior poder aquisitivo, o que lhes permite sentirem-se mais livres para frequentar as boates do que os homens *queers* de outros bairros. O poder aquisitivo foi identificado pela maioria dos entrevistados como um importante elemento para ser incluído no ‘*gay scene*’ da Zona Sul.

O poder de consumo é um elemento positivo na comunidade *queer* da Zona Sul e as pessoas que não tinham tal capacidade financeira para participar das práticas de consumo foram identificados como indesejáveis e frequentemente sofrem discriminação dentro da própria comunidade queer. Expressões de preconceito foram vinculados à capacidade de consumo, em trinta, das trinta e duas referências à classe na Zona Sul. De forma contundente, são evidenciados os homens *queers* pobres, como pode ser evidenciado no relato de Cláudio, relacionado a intolerância experienciada pelos homens *queers* que não possuem dinheiro suficiente para frequentar as boites da Zona Sul:

Gera esse imaginário de que elas, as barbies, têm uma classe alta, e eles fazem questão de manter essa ideia de que é assim mesmo. Agora, tem outro aspecto também, o gay pintosa ainda é de classe econômica inferior. Então, combina as duas coisas, ou seja, eles irão falar: imagina... além de ser bicha, é pobre! E então já começa a discriminação pelos outros gays. Ah! Coitada! Não tem nem dinheiro para pagar a boite!

A citação de Cláudio revela ligações entre consumo e inclusão na comunidade *queer* da Zona Sul. Homens de baixa renda, que não possuem um poder de consumo, acabam se tornando vítimas de discriminação verbal, dentro e fora da comunidade queer. Enfim, a comunidade *queer* da Zona Sul carioca trazem práticas específicas que identificam os sujeitos pertencentes àquele lugar como beleza do corpo másculo e sarado, roupas da moda e poder de consumo de hábitos requintados. Esses elementos constituem a fronteira de pessoas desejáveis, o *gay barbie*, branco, masculino e classe média e alta e, os indesejáveis, “a bicha pintosa”, o *gay* pobre, efeminado, e não branco.

Exclusão, Pertencimento e o Padrão Zona Sul

As normas de raça e classe ligadas aos comportamentos aceitáveis dos homens *queers* criam vários efeitos nas performances de gênero e

sexualidade dos participantes da pesquisa na Zona Sul. Um sentimento comum dos homens, cujos comportamentos foram entendidos como ‘fora de lugar’, foi a vergonha ou o constrangimento. Essa emoção foi vivida pela experiência com piadas mal intencionadas, dentro e fora da comunidade queer, *name-calling*, e homofobia verbal. Estes comportamentos representam tentativas de definir os limites das práticas aceitas na Zona Sul e manter a imagem da área como espaço branco, classe média, alta, onde comportamentos da bicha pintosa estão ‘fora do lugar’.

Olhares Desaprovadores

Os sentimentos de constrangimento e vergonha estão ligados aos olhares desaprovadores que são dirigidos aos homens de práticas associadas com a “bicha pintosa”. Os participantes da pesquisa oriundos de bairros mais pobres alegam sentirem-se desconfortáveis na Zona Sul e alegam que são “olhados de uma forma diferente”, resultante de sua incapacidade de consumir roupas caras de moda. Alexandre comentou que ele sente como se ele fosse sendo observado de um ‘jeito estranho’ na Zona Sul, continuando a comentar que: “Não me visto com uma blusinha baby look, não me visto com uma calça da moda, com uma roupinha mais transada e eles me olham de uma forma diferente na Zona Sul”.

Os olhares reprovadores ao não uso de roupas adequadas à Zona Sul é comum entre os participantes. Damon disse que as bichas pintosas da Zona Norte são vítimas destes olhares por que são considerados como ‘fora de lugar’ nas boites chiques da Zona Sul por causa das roupas que usam:

Se um homossexual que frequenta a Papa G chegar na Le Boy as pessoas vão ter preconceitos com ele em forma de olhares. As pessoas vão comentar, porque na “Le Boy” as pessoas se vestem diferente, é como se na Le Boy eles se vestissem com marcas da Calvin Klein, Dolce & Gabbana. A bichinha da Papa G veste roupas como Citycol ... As bichas da Le Boy chegam de carro, táxi e enquanto as bichas da Papa G chegam de ônibus. Então já sofre preconceito a partir desse momento, até os seguranças da portaria vão olhar com uma outra visão.

Os comentários dos participantes evidenciam que os olhares desaprovadores são dirigidos aos homens *queers*, cujo corpo não corresponde às normas do *gay*

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

ideal da Zona Sul. Os dados das entrevistas sugerem que homens *queers* magros, fracos, morenos e negros são, em geral, vítimas de gestos desaprovadores. Evandro afirmou que ele se sente 'fora de lugar' por causa da aparência física:

Em Ipanema, às vezes, aparenta ter uma certa liberdade, mas os próprios gays te olham com uma cara tão babaca ... Eu não tenho o tipo de um gay forte, cara limpa, sem pelos ... Eu entro num ambiente assim, ou numa rua assim [bar gay] e eu me sinto tão mal quanto se eu tivesse num lugar hétero. Eu fico assim: Pô, gente, todo mundo aqui dá cú também!

Adicionalmente, comportamentos estereotipicamente efeminados foram identificados pelos participantes como sendo indesejáveis e são submetidos a olhares reprovadores ou ao "olho torto", como vários participantes da pesquisa referiram-se. Comportamentos efeminados, frequentemente associados com a bicha pintosa, em geral, causam a autorregulação dos maneirismos como comenta Rafael: "Não poder fazer gestos engraçados, tipo afeminados, com seus amigos, brincar com eles, porque as pessoas vão olhar de um modo estranho para você. Ou elas podem fazer coisas piores. Sinto preso".

Em alguns casos, este sentimento de ser observado foi tão forte que entrevistados como Rafael, comentaram sentirem-se confinados, já que devem evitar constantemente os comportamentos entendidos como efeminados, criando, a partir de práticas tão sutis, uma área de classe média e alta, masculina e branca, intolerante àqueles que não se encaixam nestas categorias.

Name-calling

O uso de palavras ofensivas e os xingamentos constituem outro tipo de prática comum para constranger os indesejáveis e definir os limites de pertença à Zona Sul. Todos os entrevistados aludem ao fato de que as pessoas pobres, homens *queers*, sofrem de constrangimentos que são expressos em forma de xingamentos e ofensas a fim de criar o sentimento de estar "fora do lugar", como pode ser visto no depoimento de Zé: "Bichas da zona norte eles chamam de bicha pobre, 'bicha uô'. E também, quando as pessoas da zona norte vêm para a zona sul, também sofrem muito preconceito dos próprios *gays*".

Os comentários do Zé sugerem que os homens efeminados, pobres e de fora da Zona Sul são entendidos como indesejáveis e como alguns homens

comentaram: "nujento". Outra referência aos indesejáveis foi o termo "bichinha feia" e ainda "bicha pão-com-ovo". Este último termo, usado dentro da comunidade queer, inclusive em shows de *drag-queens*, refere-se às pessoas financeiramente e culturalmente inferiores e serve para deixar membros das audiências oriundas dos bairros pobres da Zona Norte e Zona Oeste com vergonha.

O humor

As piadas, como as que descrevi anteriormente, nos shows de *drag-queens*, são vistas por muitas pessoas, inclusive por meus amigos, como "piadinhas engraçadas" que não devem ser levadas a sério pois não tem por objetivo ofender ninguém. No entanto, os dados das entrevistas sugerem que as situações de humor geram situações constrangedoras que são dirigidas aos homens *queers* pobres, não brancos e efeminados, construindo as fronteiras de quem deve, ou não, pertencer à Zona Sul. Frequentemente, as piadas que possuem como foco a "bicha pintosa", produzem um afeto vexatório e um sentimento de estar "fora de lugar" nas pessoas que não correspondem ao estereótipo ideal da Zona Sul, como evidencia o comentário de Cláudio referindo às piadas nos shows de *drag*: "Até mesmo, coisas que *drag queen* e transformistas fazem sem perceber. Mais, na verdade, é que muitas fazem com intenção mesmo ... Mais falam com um humor sarcástico da pobreza, dos *gays* do subúrbio: ah vai pegar o trem, o ônibus mais tarde?"

Em várias ocasiões testemunhei a mesma piada, repetida nas diversas boites *gays* e bares na Zona Sul. O público sempre se animava e ria às custas de uma "bicha pintosa", oriunda de um bairro pobre da Zona Norte ou Zona Oeste da cidade, que não tinha dinheiro suficiente para pegar um táxi para casa ou que ia pegar transporte público. Estas situações são interpretadas como humorísticas e não importantes, mas trazem consequências reais no comportamento dos homens *queers* da Zona Sul.

Qualquer homem *queer* que se afaste das normas de comportamentos desejáveis da Zona Sul, se arrisca a ser ridicularizado, como ocorreu comigo em uma situação em que estava num ponto *gay* da Zona Sul distribuindo panfletos e acabei sendo alvo de piadas dos companheiros. Com fome, decidi pedir uma fatia de pizza e como não havia talheres, resolvi comer com as mãos. Então, Robert, um homem da Zona Sul começou a rir e falou: "Meu deus, somos pobres, mais você tá comendo igual uma das bichas da favela!" Em consequência disso, outros companheiros também riram.

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

Preconceitos de classe fazem parte do repertório humorístico e foram reiterados em várias ocasiões quando piadas foram dirigidas aos membros do Arco-Íris e ABIA por serem oriundo de uma favela ou do subúrbio. Frequentemente, eu presenciava observações sarcásticas como: “Como cê vai voltar pra Rocinha (ou outra Favela) depois da reunião?” ou ainda “Cê sabia que esse bichinha mora no subúrbio Tony?”

O objetivo das piadas envolvendo a origem de áreas pobres é de provocar um sentimento de vergonha e humilhação e essas práticas aparecem como tentativa de restringir a pertença e os comportamentos da comunidade *queer* da Zona Sul, bem como, de marcar seus limites.

Eu mesmo passei por diversas situações, supostamente humorísticas, nas ruas da Zona Sul, que pareciam significar tentativas de causar constrangimento e vergonha, ao mesmo tempo reforçar as performances de gênero e sexualidade aceitas na área. Em certa ocasião, estava caminhando e conversando animadamente com os amigos Gui e Pedro em Copacabana, quando um taxista nos ouviu, parou o carro e gritou para Gui: “Fala como um homem de verdade, bichinha!” Em consequência disso, Pedro, apontando para Gui, começou a rir, de forma a ridicularizá-lo, por não “ser homem o bastante”. Vários transeuntes olhavam para nós e riam de Gui, que estava visivelmente constrangido.

Posteriormente, em nossa conversa, Gui comentou que estava incomodado pelo fato de outras pessoas acharem que ele agia de forma efeminada demais ou, como ele mesmo disse: “dando pinta demais”. Muitos incidentes como esse, estão registrados em meu diário de campo, envolvendo frases ofensivas e xingamentos ditos aos gritos por pessoas de dentro dos ônibus e nas ruas, bem como, piadas contadas entre amigos a fim de inferiorizar homens *queer* cujo perfil está associado à pobreza e ao perfil incompatível de beleza concebido pela Zona Sul.

Os olhares desaprovadores, xingamentos e episódios humorísticos, dentro e fora da comunidade *queer* da Zona Sul, geram constrangimentos, vergonha e o sentimento de estar “fora de lugar” para os homens *queers* que exibem características físicas e/ou comportamentos ligados à bicha pintosa. Nenhum caso de piadas associadas com homens fortes, masculinos, ricos dos bairros da Zona Sul foi registrado. Os dados da pesquisa evidenciam que as práticas aqui retratadas são formas de excluir homens pobres, negros/morenos e efeminados da área da Zona Sul, por meio da construção do sentimento de estar ‘fora de lugar’. Assim, embora a Zona Sul, seja considerada como uma área tolerante e liberal para homens *queers*, está claro

que essas características espaciais não fazem parte das experiências da “bicha pintosa”. Estes últimos, apresentam performances menos valorizadas do que aquelas dos homens de classe média, alta e branca, instituindo uma rígida regulação do comportamento de homens *queers* da Zona Sul carioca.

Pitbulls e a Agressão Homofóbica Física

Os comentários dos participantes da pesquisa a respeito dos chamados “*pitbulls*”, complexifica a representação da Zona Sul como espaço tolerante para homens *queers*, já que gênero e sexualidade estão interseccionados pela raça e classe. As interseções de tais categorias criam limites para excluir ou incluir homens *queers* na Zona Sul. Os entrevistados referiram-se à Zona Sul como o domínio dos “*pitbulls*”. Este termo é usado além de “*playboy*” e “*pitboy*” para nomear grupos de homens brancos, ricos, heterossexuais, moradores da Zona Sul, intolerantes com vários grupos sociais, constituídos por negros, homossexuais, prostitutas e pobres. Os “*pitbulls*” são considerados homens agressivos, musculosos e ameaçadores e que desenvolvem agressões físicas, como Júlio descreve:

O playboy anda numa trupe. Essa turminha tem um sistema. O sistema é o seguinte: carros e carros, noitadas e noitadas, machos e machos, mulheres e mulheres, bebidas e bebidas. Então, eles nunca iriam permitir um gay chegar perto deles ... São tipo fortinho, musculosinho.

Além disso, o termo “*pitbull*” possui uma conotação de classe, sendo usado pelos homens *queers* para referirem-se aos homens de famílias ricas da Zona Sul, associando-os como outros termos pejorativos como “*filhinho do papai*” e “*mauricinho*”. Isto foi demonstrado nos comentários feitos por Nilton:

Eles entram na academia pra ficar sarado e usar isso como um instrumento de briga, de guerra ... São pessoas filhinho de papai, com um poder aquisitivo maior, um nível social mais alto. E então, eles acham que estão acima e o preconceito deles não é só com os gays e sim com prostitutas, negros, pobre.

A presença dos “*pitbulls*” e suas práticas de violência na Zona Sul, contestam a imagem de tolerância para homens *queers*, instituindo as restrições que a área coloca às manifestações de gênero e

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

sexualidade não normativas. Homens que se apresentam menos masculinos foram apontados como os mais vulneráveis às agressões dos “pitbulls” do que aqueles descritos como mais “machos”, como os gays “barbies”. Estes, devido a aparência física musculosa, conseguem passar-se por “pitbulls” evitando, assim, riscos de agressão. As agressões realizadas pelos “pitbulls” criou um sentimento de insegurança na Zona Sul, notadamente à noite: “Na Zona Sul é mais tolerante, mas ao menos tempo não, porque tem áreas que não são ... São períodos que você não sabe o que vai acontecer. Até pouco tempo pitboys começaram a ir no bar Bofetada e agrediam homossexuais”.

A maioria dos participantes da pesquisa dizem que evitam situações de perigo, como andar sozinho na Zona Sul. Aldo, como os outros, afirma que o medo se estendeu até a Rua Farme, a rua gay de Ipanema. Comentou ainda que não gosta das boites LGBT na Zona Sul, incluindo aquelas na Rua Farme, por causa do risco de agressão homofóbica dos “pitbulls”:

Eu não gosto de me misturar em ambientes GLS, tipo Le boy, porque são pesados mesmo, que eu vou de vez em quando. Só que tem lugares que os pitboys vão só para arrumar confusão. Tem boate hétero por exemplo, que gay não entra. Tem uma em Ipanema, uma na Farme mesmo, pichada como “Boate da Morte”. Quando você sai de manhã, eles vão atrás de você.

Apesar de sua reputação como uma área “gay-friendly”, o comportamento homofóbico dos “pitbulls” marca espaços específicos da Zona Sul como intolerantes e repressivos para performances de raça, sexualidade e gênero não normativas. Vários participantes referirem-se às reportagens que designam a Rua Farme como “Farmeganistão”, por causa do clima criado em função das agressões dos “pitbulls” na Zona Sul. A sensação de perigo sentida ao redor da Rua Farme foi reiterada pelos comentários feitos por Fábio:

Mesmo na própria Farme de Amoedo tem um bar ali na esquina que sempre foi frequentado por playboys que batem em gays e mesmo sabendo que ali é um lugar gay. Então, é uma coisa que pra mim é muito louco ... É um território com muita tensão e além da própria tensão gerada pelos gays, querendo comer um ao outro, querendo pegar o outro ainda tem essa tensão de uma certa violência.

Os participantes da pesquisa apontam que o grupo alvo dos “pitbulls” são os homens queer efeminados, como reforça Aldo: “Se você for pra lá e você disser que é gay, ou andar com alguém que parece ser gay, eles [os pitbulls] vão te pichar e te perseguir por isso”. Similarmente, Fábio afirmou que os “pitbulls” só “pegam as bichinhas e querem dar um soco neles”. Reinaldo falou que por causa da presença dos “pitbulls” nas boites da Zona Sul “é suicídio mostrar sua sexualidade”. Quando questionei o que ele queria dizer por “mostrar” sua sexualidade, respondeu que os “pitbulls” atacam homens que se comportam de um jeito efeminado, a fim de mostrar sua masculinidade. Em uma outra entrevista, Alexandre afirmou que práticas específicas como a forma de andar, gesticular, usar um certo tipo de roupa e falar, são reconhecidas pelos “pitbulls” para determinar homens efeminados e/ou pobres. Alexandre identificou homens queers da Zona Norte e Zona Oeste como constituidores do principal grupo alvo para agressão dos “pitbulls”. Quando questionado sobre a forma como os “pitbulls” reconhecem os homens dessas áreas, Alexandre respondeu: “Pela forma de se vestir, pela forma de falar, pela forma de tratar o assunto e também pela forma de se valorizar, são bem diferentes ...” Para Alexandre, se valorizar é evitar o comportamento “dando pinta”, vestir-se como “bicha pobre”. Isto foi reiterado numa história que Júlio relatou sobre um amigo agredido:

Eu tenho um amigo meu, ele já foi vítima. Ele tava andando, conversando no celular, rindo, porque ele é escandaloso. Tipo, três playboys passaram e acharam que esse meu amigo estava mexendo com eles. Aí os três voltaram e bateram nele e ele não fez nada ... Mas bateram mesmo, os dois olhos dele ficaram roxo, quebrou um dente, rasgaram a orelha dele, quebraram o nariz dele.

O depoimento de Júlio evidencia que seu amigo foi espancado, não somente porque os “pitbulls” acharam que ele estava se insinuando, mas porque ele era “escandaloso”, um termo usado para descrever homens efeminados e, por associação, pobres.

Embora os “pitbulls” sejam reconhecidos como homofóbicos, em geral, a sua discriminação é dirigida às pessoas que “não pertencem” à Zona Sul, como os pobres, efeminados e não brancos. Ser um homem efeminado e rico foi descrito como menos problemático pelos participantes, do que ser efeminado e pobre. Quando perguntei sobre a existência de diferenças de classe no risco de homofobia na Zona Sul, Fábio respondeu: “Eu acho que, se você tem

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

muito dinheiro, você pode ser o que você quiser socialmente. Você pode ser a bicha mais louca do mundo, andar de saia num dia e andar de calça no outro”.

Nesse sentido, há uma composição de categorias vivenciadas por pessoas efeminadas, negras e pobres que as tornam mais vulneráveis às agressões homofóbicas dos “pitbulls”. Isto foi sugerido na resposta de Guilherme sobre as relações de classe e raça nas agressões de “pitbulls”: “Para quem tem dinheiro, para quem é bonito, eles estão com a faca e o queijo na mão ... Brancos, ricos, das famílias ricas, têm muito mais liberdade do que negro, homossexual de uma família pobre”.

O controle exercido pelos “pitbulls” é mais severo para com homens *queers* pobres e não brancos do que para com *gays* brancos de alta renda. Assim, pelo menos em parte, se valoriza as performances barbie que evita a discriminação por parte dos “pitbulls”. As performances das gangues dos “pitbulls” representam tentativas de fazer valer o seu domínio e controle na Zona Sul, excluindo homens considerados ‘não pertencentes’ àquela área, ou seja, homens negros, efeminados e pobres. As situações evidenciadas na pesquisa desconstruem a ideia da Zona Sul carioca como um espaço tolerante para os homens queers. Isso porque a vivência *queer* não é homogênea, está permeada por diferenças específicas de raça e classe que delineiam os limites de pertencimento e exclusão à área.

As performances dos “pitbulls” podem ser imaginadas como tentativas de construir a Zona Sul como espaço branco, classe média, alta e masculino por meio da exclusão de homens que não correspondem a estas categorias. Contudo, esse processo é contestado por pessoas que criam formas não normativas de fazer gênero e sexualidade na Zona Sul.

Práticas contestatórias às performances de pertencimento da Zona Sul

Embora vários participantes refiram-se à Zona Sul como local de praias brancas com palmeiras, de boites caras, de território do *gay barbie*, branco, classe média e alta, alguns deles criticaram esse imaginário simplista sobre a área e trouxeram vários elementos de resistência às normas de regulação social ali presentes. Assim, apesar do reconhecimento da existência das normas da classe e raça na Zona Sul, cinco participantes também constroem críticas sobre elas e que estão expressas no comentário de Cláudio:

As barbies sofrem estigmas das pintosas. As pintosas também não gostam dos mais macho. Os mais macho odeiam as pintosas, é uma coisa absurda e confundem comportamento estético com orientação sexual e com comportamento social. Então eles misturam tudo.

Cláudio continua afirmando que as barbies e as pintosas são muito críticas, entre si, sobre as performances de gênero e sexualidade. Da perspectiva das pintosas, a masculinidade exagerada das barbies é vista como uma manifestação de homossexualidade. Da perspectiva das barbies, a feminilidade exagerada das pintosas é associada com a homossexualidade. Os comentários de Cláudio espelham aqueles de vários participantes críticos ao fato de que as performances brancas e classe média e alta de gênero e sexualidade, sejam vividas livre de estigmas na Zona Sul, mostrando que há preconceitos direcionados às barbies.

Um exemplo é o comentário de Miguel que, quando questionado sobre sua opinião sobre as barbies disse: “A maioria ... Existem muitos *gays* machistas. Eu acho que essa denominação: Eu sou homem que gosta de homens, é meio renegando toda a cultura *gay*”. Outros participantes foram mais críticos sobre as normas de classe média e alta, que são associadas aos homens *queers* da Zona Sul. Caio comentou que proposadamente evita criar laços de amizade com as barbies, já identifica o grupo como sendo esnobes:

*Na Le Boy já não tem muita mistura. As pessoas na Le Boy são mais barbies, nariz em pé. Aham que são melhores que todo mundo ali e ninguém é igual ali [na Zona Sul]. Eles sempre acham que são melhores do que você. Le Boy é um lugar que eu vou para dançar e eu não tenho vontade de conhecer ninguém ali porque eu sei que todo mundo ali é metido ... Há muitas pessoas do público *gay* no Rio de Janeiro que gostam muito de crescer, ser mais que os outros. Às vezes, só porque tem um carro, porque tem uma roupa melhor que a minha, porque acha que fala melhor do que você, etc [...].*

Vários entrevistados evidenciaram desagrado em relação às performances da raça e classe da barbie da Zona Sul, referindo-se a eles como “nariz em pé” e que são pessoas que querem exacerbar seu poder aquisitivo. Caio afirmou: “acham que são melhores do que você. Eu não me sinto a vontade encontrar com

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

ninguém”. Zé foi similarmente crítico sobre barbies da Zona Sul, comentando que “são nariz em pé. Só porque eles têm dinheiro, acham que podem ser melhor do que todo mundo”. Outros participantes foram críticos ao comportamento das barbies, quando questionados sobre eles, como André: “Eu não diria tanto porque lá você só vai encontrar só barbie e a maioria já drogados, já caindo pelo chão”.

Participantes que foram críticos à barbie, fizeram comentários que sugerem resistência ao comportamento regulador que se coloca dentro e fora da comunidade *queer* da Zona Sul. Os participantes relatam que são indiferentes às normas de comportamento ligado a gênero, sexualidade, raça e classe. Por exemplo, quando questionado sobre seu comportamento em relação à presença dos “*pitbulls*”, Júlio disse: “Eu acho tudo indiferente. Eu digo sempre: Foda-se! Se eu tiver que fazer eu vou fazer, se não tiver que fazer eu não vou fazer”. Outros participantes mostraram comportamentos que contestaram ainda mais as normas ligadas ao gênero e sexualidade na Zona Sul, como vários entrevistados que afirmaram que eles usam roupas ‘femininas’ ou ‘pintosas’, sem a preocupação com os olhares ou agressões homofóbicas física ou verbal. A Mirella comentou que, apesar de ter coragem de sair na rua usando roupas femininas, as amigas têm medo de fazer isto:

Disseram que vão usar batom, peruca e sair na rua. Então, quebraram esse estigma e é isso que eu falo para as meninas [as travestis]. Que a gente deve ir ao hospital quando estiver sentindo alguma dor e não se importa se as pessoas irão rir ou não. Não pode se importar se o médico te chamar pelo seu nome de homem. Tem que dizer: eu vou e não ligo pra isso! Eu sempre falo para as travestis: o que eu acho mais engraçado é, vocês não têm medo de ficar de madrugada em uma pista vendendo seu corpo e saindo com homens que nunca viram em suas vidas. Mas tem medo de andar de dia na rua, medo de ir ao supermercado, medo de ir ao hospital, medo de estudar. Você pode perceber, olha o vestido que estou usando [uma minissaia] e olha a hora que são, e andei isso tudo até aqui e ninguém falou nada.

Sobre as preocupações de agressão por parte dos “*pitbulls*”, Joel afirmou sorrindo: “Se alguém falasse: Ah seu viadinho, vai dar esse cú preto teu. Ah você é gay, então você não pode ficar aqui comigo, eu responderia: Ah valeu machão!. Isso é um tapa na cara

pra eles, você saber se defender com palavras”. Igualmente, Mirella relatou um incidente em que ela reagiu a um comentário homofóbico em uma loja:

Estava olhando os eletrodomésticos e eu escutei quando um vendedor disse: ah! É viado! E nesse dia, eu não estava emocionalmente legal. Tem dias que nem to a fim de ouvir qualquer tipo de gracinha, porque as travestis fazem trabalho hormonal. Então, isso mexe muito com a cabeça da gente. Então, quando escutei o vendedor dizer isso, eu cheguei bem perto dele e disse: o que você falou? E ele: não falei com você não!. Falei: meu amor, eu só vou te explicar uma coisa, viado é um bichinho, não sei se você sabe? Por acaso você está vendo algum bichinho aqui fazendo compras? Vai, me diz? Eu quero saber! Você tem que fazer algum tratamento de cabeça, porque não era bem pra você estar aqui. Chama o gerente! E todo mundo disse: nós somos o gerente! E eu falei: Oh! Ele é maluco e não pode mais continuar trabalhando! Tem algumas amigas minha que deixam pra lá e não ligam. Mais eu sempre digo que não pode deixar pra lá, tem que falar sim! Não pode abaixar a cabeça não! Eu sou muito legal, mais na hora que eu tenho algo pra falar meu amor, eu falo!

Vários participantes da pesquisa referiram-se à uma retaliação física em situações de sofrimentos com atitudes homofóbicas na Zona Sul, como Valéria, que argumenta a importância de se defender nos momentos de agressão: “Um cara já tentou me bater. Só que eu fui mais forte do que ele. Antes dele me bater, eu já estava batendo nele ... Mais antes dele me bater, eu estava com um cinzeiro na mão e joguei na testa dele”.

As experiências de resistência relatadas pelos participantes da pesquisa evidenciam que, apesar das normas da Zona Sul como espaço branco, classe média, alta e masculino, as pessoas que não correspondem a esse padrão, não estão passivas, agindo de forma a desestabilizar as normas hegemônicas, já que, apesar de reconhecer a existência das normas, conseguem vivenciar a Zona Sul, sem se preocupar com a ameaça da homofobia, agressões verbais ou olhares desaprovadores, destacados pela maioria dos participantes.

(Re)pensando Espaços Tolerantes

Entender as razões que levam à ideia de tolerância às performances *queer* como característica da Zona Sul não é difícil. Essa representação, presente na música, televisão e nos filmes cariocas, se produz pela visibilidade que a comunidade *queer* conquista na área. São visíveis as bandeiras de arco-íris flutuando na praia de Ipanema, *flyers* anunciando boites *gays*, bares e saunas LGBT. Mesmo com esta presença marcante, as experiências de homens *queer* não se mostraram homogêneas nessa pesquisa e evidenciam a contestação da ideia de tolerância das performances de gênero e sexualidade não normativas na área da Zona Sul. Mais precisamente, a tolerância dos comportamentos de gênero e sexualidade, estão interseccionados pela raça e a classe, o que complexifica a imagem da Zona Sul como uma área indubitavelmente ‘gay-friendly’, como é divulgado na cultura popular Brasileira.

A análise empreendida sobre a Zona Sul do Rio de Janeiro, evidencia as interseções de raça, classe, gênero e sexualidade que produzem contradições sobre a pretensa ideia de um acolhimento homogêneo para a comunidade queer. Assim, esse trabalho reitera outras análises sobre a discriminação racial e de classe nos bairros *gays* da Cidade do Cabo, New York e Sydney (MANALANSAN, 200; RINK, 2007; CALUYA, 2009). Como Caluya (2009) argumentou no caso da ‘cena gay’ de Sydney, a Zona Sul do Rio de Janeiro não representa uma utopia onde todos os comportamentos de gênero e sexualidade são tolerados, mas um espaço da fixação da raça e da classe.

A Zona Sul carioca é um espaço onde comportamentos de homens *queer* de classe média alta e brancos são mais desejáveis do que aqueles associados com homens *queer* pobres e não brancos. Tal como Caluya (2009) e a noção dos espaços lisos e estriados de Deleuze e Guatarri (1987), a Zona Sul não representa um espaço completamente liso, livre de regulação e controle, mas um espaço parcialmente estriado, através do qual, o quadro regular opera.

Caluya (1987) nos recorda que os regimes e sinais de raça e, eu acrescento a classe, funcionam nos espaços aparentemente utópicos. O estudo de Rink (2007) sobre Waterkant, na África do Sul, conclui que devido o impacto das hierarquias da raça e classe, é impossível considerar os enclaves *gays* como espaços utópicos, onde impera a liberdade de expressão de identidades da forma como se deseja. Pelo contrário, os enclaves *gays* podem ser vistos como ambientes

diatópicos e de exclusão. Embora, a Zona Sul não represente um enclave *gay* em si, pode ser argumentado que ele é concebido como um espaço utópico, tolerante para homens *queers* e livre da regulação rígida. Contudo, essa característica é contestada pelas experiências de pessoas, cujas performances são consideradas “fora do lugar” e inadequadas para a Zona Sul.

A consideração das interseções de raça, classe, gênero e sexualidade no processo de percepção sobre o pertencimento à Zona Sul carioca possibilitou a detecção de sistemas de exclusão e preconceito. A Zona Sul do Rio de Janeiro é considerada como um espaço de homens brancos, ricos, na moda e masculinos. Por outro lado, foi considerado um espaço intolerante para homens pobres, negros, fora da moda e efeminados. Por concentrar a pesquisa nos comportamentos dos homens queers, marcados como pertencentes à Zona Sul, foi evidenciado que a tolerância e a pertença, são processos que integram raça, gênero, sexualidade e classe.

Assim, as tentativas de compreender a tolerância em relação à comunidade queer, unicamente pelas práticas de gênero e sexualidade, torna o fenômeno incompreensível, já que é tomado de forma simplista e incompleta. É importante reconhecer que as questões ligadas à tolerância dos comportamentos de gênero e sexualidade, são também questões sobre raça e classe.

Este artigo mostrou que há necessidade de questionar as versões preestabelecidas sobre os espaços que são aparentemente tolerantes, não somente no Brasil, mas no mundo inteiro. De Castro, em São Francisco ao bairro Ni-chome de Tóquio, é necessário resistir às imaginações comuns que consideram estes espaços como conquistados por toda comunidade queer. Ao contrário, é importante evidenciar as clivagens da pseudo-homogeneidade entre homens queer, que são diferenciados também por características de raça e classe. Essas considerações trazem avanços capazes de superar as generalizações simplistas dos espaços gay-friendly e potencializam uma análise interrogante sobre os privilégios de renda e raça que estruturam de forma complexa tais espaços.

* **Reconhecimentos:** Gostaria de agradecer Betsy Olson e Lynn Staheli pelo seus comentários nas versões anteriores deste artigo e Renato Alexandre pela sua ajuda com a tradução. Eu gostaria de agradecer especificamente todos os participantes sem os quais este estudo não teria ocorrido.

¹ Todos os nomes utilizados no texto são fictícios.

² Mesmo sabendo que a ortografia da palavra

Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro

'afeminado' seja incorreta, optou-se por manter a forma utilizada nas falas dos participantes da pesquisa.

³ A expressão "*name-calling*" é de difícil tradução para o português. É utilizada para definir formas de nomear e chamar alguém, resultando em uma categorização social.

⁴ A Rua Farme é uma rua em Ipanema que contém vários bares e boites *gays* (Rio Gay Guide, 2010). A rua segue até a faixa *gay* da praia e foi identificado para os participantes como um dos pontos *gay* mais conhecidos na cidade.

Referências

- ACOSTA-ALZURA, Carolina. Fraught with contradictions: the production, depiction, and consumption of women in a Venezuelan telenovela. **Globia Media Journal**, v. 2, n. 2, 2003.
- BANKS, Marcus. **Visual methods in social research**. Londres: Sage, 2001.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble**. Londres: Routledge, 1990.
- _____. **Bodies that mater**: on the discursive limits of 'sex'. Londres: Routledge, 1993
- _____. Giving an account of oneself. **Diacritics**, v. 31, n. 4, p. 1-15, 2001.
- CALUYA, Gilbert. 'The Rice Steamer': race, desire and affect in Sydney's *gay scene*. **Australian Geographer**, v. 38, n. 3, p. 28-292, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus**: capitalism and schizophrenia. Londres: Continuum, 1987.
- GOLDSTEIN, Donna. **Laughter out of place**: race, class, violence and sexuality in a Rio Shantytown. Londres: UCP, 2003.
- GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris**: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Grammond Universitária, 2009.
- GREEN, James. **Beyond carnival**: male homosexuality in twentieth century Brazil. Londres: UCP, 1999.
- HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices (culture, media and identities series), Milton Keynes, The Open University, 1997.
- HAY, Iain. **Qualitative research methods in human geography**. Londres: Oxford University Press, 2002.
- MANALANSAN, Martin. **Global divas**: Filipino *gay* men in the diaspora. Durham: Duke University Press, 2003.
- REDE GLOBO. **Malhação Id**. Disponível em: < <http://malhacaoid.globo.com/> >. Acesso em: 21 set. 2010.
- _____. **Viver a Vida**. Disponível em: < <http://viveravida.globo.com/> >. Acesso em: 21 set. 2010.
- RINK, Bradley. **Community as utopia**: reflections on De Waterkant, In: Society of South African Geographers Conference, 2007.
- RIO DE JANEIRO (município). **Câmera rio**. Disponível em: < <http://www.camara.rj.gov.br/> >. Acesso em: 19 fev. 2010.
- RIO GAY GUIDE. **Welcome to Gay and Lesbian Rio!** Disponível em: < <http://riogayguide.com/> >. Acesso em: 31 maio 2010.
- VARGAS, Costa João. Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 1, p. 75-131, 2005.

Recebido em 25 de agosto de 2010.
Aceito em 10 de outubro de 2010.